

## APRESENTAÇÃO

A 23ª edição do Caderno Seminal dedica-se à Literatura Infantil e Juvenil, em suas múltiplas possibilidades de leitura e abordagem. Os movimentos acadêmicos em torno da Literatura Infantil e Juvenil – cursos de extensão ou de pós-graduação, congressos nacionais e internacionais, publicações em periódicos e livros – assinalam a projeção que este campo vem, gradativamente conquistando. A maior visibilidade da literatura direcionada a crianças e jovens evidencia o reconhecimento do valor literário que impregna as obras ficcionais, bem como o alargamento teórico, crítico e cultural das pesquisas em andamento.

A presente coletânea agrupa 16 artigos que focalizam o universo da literatura infantil e juvenil. A partir dos diferentes prismas que os textos desenvolvem, observa-se a emergência de eixos temáticos que conferem unidade e, simultaneamente, pluralidade à estrutura deste número.

Alguns artigos focalizam a Literatura Infantil e Juvenil à luz de uma perspectiva histórico-crítica que ilumina trajetórias ligadas à sua evolução, aportando nas atuais possibilidades de leitura inauguradas pelo mundo digital.

O texto de abertura - “Os estudos sobre literatura infantil e juvenil no Brasil e em Portugal: uma análise

comparada”, de Ana Margarida Ramos e Eliane Debus -, apresenta uma análise comparativa dos estudos teórico-críticos sobre Literatura Infantil e Juvenil realizados no Brasil e em Portugal, a partir de três momentos relevantes. Tendo por objetivo mapear e analisar criticamente a produção acadêmica dos períodos selecionados, nos dois países, as autoras nos oferecem um percurso seguro da investigação e da pesquisa levada a cabo desde as primeiras publicações na área.

Realçando a Literatura Infantil e Juvenil como objeto de elevada controvérsia, Fernando Azevedo, Ângela Balça e Glória Bastos, em “Web 2.0: literatura infantil/juvenil e comunidades interpretativas”, discutem o conceito, as funções e o lugar desta literatura na Academia, destacando a relação com o mercado editorial, as possibilidades criadas pelo espaço web na formação literária e cultural dos jovens, bem como o desafio da web na criação e configuração de novos públicos leitores.

O artigo “A inserção dos contos populares na literatura infantil: uma perspectiva histórica”, de Luciane Alves Santos e Maria Alice Ribeiro Gabriel, examina, sob uma perspectiva histórica, o papel do conto popular na literatura infantil, a relação entre cultura popular e literatura infantil e as possíveis

formas de exemplum das quais se investiu a literatura para crianças, do século XIX ao século XX.

Ana Crélia Dias e Raquel Cristina de Souza e Souza, em “Literatura juvenil contemporânea entre a empatia e o desconforto”, voltam-se para a tensão que se estabelece com as críticas que repousam na vinculação da literatura à pedagogia e, por outro lado, para o desconforto tanto do mercado editorial, às voltas com *best sellers* e com o fenômeno do *crossover*, quanto da escola, com relação à indicação de leituras mais conciliadoras ou provocativas de conflitos no leitor; aprofundando a discussão, apresentam análise de Luna Clara e Apolo Onze, de Adriana Falcão, e Nada, de Janne Teller.

Outro eixo de aprofundamento crítico percebido é o que se debruça sobre a interlocução texto e imagem, espraiando-se para possíveis diálogos entre diferentes tipos de linguagens.

Neste sentido, Maria Auxiliadora Fontana Baseio e Maria Zilda da Cunha, no artigo “Capitães da areia em diálogo de linguagens”, analisam os diferentes contextos da produção artística enunciada no título, comparando a obra literária de Jorge Amado com a releitura cinematográfica de Cecília Amado, sua neta.

Flávia Brocchetto Ramos, no texto “Livro de imagem: possibilidades de leitura”, defende que há elementos presentes na formação de livros de imagem que implicam operações mais complexas de leitura, justificando a assertiva na análise de *O tapete voador*, de Caulos, onde analisa o processo de construção do enredo e as relações intertextuais suscitadas pelo texto.

Em “Psiquê, de Angela Lago: diálogos intertextuais do verbal e do não verbal”, Sandra Trabucco Valenzuela, abordando os diferentes conceitos de literatura infantil, analisa o livro-ilustrado do título a partir da relação estruturada com pinturas, fotografia, cinema, história e a referência mitológica, base narrativa do conto.

Outro tipo de diálogo emerge no artigo “A adaptação literária de *Dom Quixote para jovens: estratégias narrativas e o diálogo com o leitor*”, de Jeanne Sousa da Silva e Diógenes Buenos Aires de Carvalho, relação que se funda entre a obra de Cervantes e a tradução e adaptação realizada por Ferreira Gullar, tendo por foco o jovem leitor.

Alargando os estudos a aspectos pertinentes à leitura, Marisa Martins Gama-Khalil e Lorena Faria de Souza, em “Literatura indígena em debate: superando o apagamento por meio do letramento literário”, refletem sobre as

contribuições da literatura indígena no letramento literário de crianças para a formação de uma identidade leitora multiétnica e multicultural, analisando questões ligadas a produção, circulação e recepção da temática étnico-racial na literatura infantil e juvenil.

Com Vera Helena Gomes Wielewicki e Daiane da Silva Lourenço, no artigo “Entre a instituição de ensino e o mercado de consumo: a leitura de best-sellers por acadêmicos de Letras”, o leitor tem acesso aos resultados de uma pesquisa de cunho etnográfico com foco nas preferências de leituras de acadêmicos do referido curso no título; as autoras analisam a incidência da leitura de best-sellers, a influência da mídia sobre as escolhas de leitura e as concepções de literatura dos participantes.

Continuando o percurso de apresentação dos textos que compõem esta coletânea, há os que se debruçam sobre obras e escritores específicos, brasileiros e estrangeiros, embora haja a incidência de estudos desse tipo em artigos já mencionados. Desenvolvendo posicionamentos inéditos, os autores apresentam pesquisas teórico-críticas que facilmente podem ser aplicadas à leitura de livros de outros escritores.

Sobre o ludismo, encontram-se os textos “O ludismo lexical de Monteiro Lobato”, de Tania Maria Nunes de Lima Camara, e

“O lúdico na poesia para crianças de José Paulo Paes e de Manoel de Barros”, de Nismária Alves David. O primeiro discorre sobre a importância de Lobato como contador de histórias capaz de inserir o leitor no ambiente textual, trazendo a linguagem como centro da investigação na obra lobatiana, mais especificamente o caráter expressivo das criações neológicas presentes em Emília no País da Gramática. O segundo parte da relação existente entre poesia e jogo para analisar os expedientes linguísticos mobilizados para a composição do caráter lúdico nos livros Poemas para brincar, de José Paulo Paes, e Poeminha em língua de brincar, de Manoel de Barros.

Voltando-se para outro escritor brasileiro, Fernanda Pires de Paula e Silvana Augusta Barbosa Carrijo, em “O filho e o pai, o eu e o outro: textos que mutuamente se leem, memórias e identidades que de parilha se traçam”, contemplam a análise da narrativa juvenil O homem que lia as pessoas, de João Anzanello Carrascoza, examinando a relevância da memória e sua importância para a construção identitária do sujeito.

O foco desloca-se para escritores estrangeiros de valor incontestado. Em “A morte na literatura infantil de Hans Christian Andersen”, Vania Kelen Belão Vagula e Renata Junqueira de Souza discutem as relações entre a trajetória biográfica de Andersen e o seu processo de formação como

escritor, tendo em vista o papel da morte como tema de seus contos e algumas inovações em sua produção ao se comparar com a literatura tradicional.

O artigo “O atrevimento e o insólito em A Maior Flor do Mundo de Saramago”, Eloísa Porto Corrêa, focaliza estratégias narrativas centradas no narrador saramaguiano e o conceito de insólito, procurando encorajar o leitor a ler, pesquisar, escrever, mas também a atrever-se e a reescrever do seu modo a(s) história(s) ou a História.

Finalizando este número, no artigo “As crianças que não existiam: a infância e a literatura em Ana Maria Matute”, Rosane Cardoso ilumina a violência como tema da literatura infantil e a criação literária como possibilidade de autoexpressão, abordando em *Los niños tontos*, de Ana María Matute, a estética do Tremendismo espanhol e a problematização de concepções de literatura infantil.

Alinhavando o final desta apresentação, fica o convite à leitura dos artigos que compõem este número do Caderno Seminal, garantindo a todos o enriquecimento teórico-crítico, pelas pesquisas aqui apresentadas, e mesmo um aprendizado prático, pelas sugestões de leituras de obras passíveis de serem indicadas a crianças e jovens, mediante as leituras que se oferecem nesta coletânea.